

ESPACIALIDADE E EXISTÊNCIA: A MOTRICIDADE EM SUA SIGNIFICAÇÃO FENOMÊNICA.

José Marcelo Siviero¹

Universidade de São Paulo (USP)

 <https://orcid.org/0000-0003-3931-3293>

RESUMO:

Analisando as discussões conduzidas por Merleau-Ponty sobre a espacialidade e a motricidade do corpo próprio na *Fenomenologia da Percepção*, o objetivo deste artigo é circunscrever as principais consequências filosóficas da articulação da espacialidade com a existência. Desvelando um viés expressivo e uma temporalidade, o exame da motricidade num sujeito doente permite identificar uma ausência que o normal não possui, ou seja, uma experiência fragmentada que caracteriza a doença e os distúrbios motores. É daí que deriva a ideia dum *arco intencional*, que nada mais é do que um meio de articulação significativa entre os variados setores da experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Merleau-Ponty; Espacialidade; Motricidade; Fenomenologia; Corpo próprio; Percepção.

SPATIALITY AND EXISTENCE: THE MOTILITY IN ITS PHENOMENOLOGICAL SIGNIFICATION

ABSTRACT:

On analyzing the discussions conducted by Merleau-Ponty about the spatiality and motility of the body itself in the *Phenomenology of Perception*, the objective of this paper is to circumscribe the main philosophical consequences of the joint between spatiality and existence. Unveiling a expressivity and temporality dimension, the examination of motor function in a sick person can identify an absence that the healthy does not have, ie, a fragmented experience that characterizes the disease and motor disorders. That's where appears the idea of a “intentional arc”, which

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – Brasil. E-mail: viajante_dos_sonhos@hotmail.com

is nothing more than a mean of significative coordination between the various sectors of the experience.

KEYWORDS: Merleau-Ponty; Spatiality; Motility; Phenomenology; Body itself; Perception.

Introdução

As considerações tecidas por Merleau-Ponty sobre o corpo recobrem-no dum estatuto filosófico renovado: sem se reduzir a um aparelho regido por leis mecânicas da natureza ou à uma vestimenta que traria em si a subjetividade, o corpo é o principal meio de inserção do sujeito em seu mundo. É ele que possibilita a percepção e o contato com esse mundo, além da constante sedimentação de experiências e comportamentos passados. Entretanto, o sujeito não está apenas preso em sua situação concreta, atrelado em sua situação presente, encerrado em suas fronteiras; pelo contrário, na atualidade ele encontra maneiras de se ultrapassar, ou seja, de construir horizontes virtuais em sua existência e de se antecipar ao seu futuro. Há, em meio aos comportamentos e práticas sedimentados, uma retomada que os abre ao novo e, mobilizando suas potências, atualiza-os. Há, no sujeito percipiente, a possibilidade de movimentos abstratos e que não necessariamente precisam duma meta para orientá-los. O que significa dizer que sua motricidade, sem se reduzir ao mecânico, comporta uma dimensão de *espontaneidade*. Esse viés espontâneo liga-se justamente à motricidade corporal e à espacialidade que lhe é intrínseca, que são o principal assunto deste artigo.

Todas essas constatações nos levam a uma reforma da compreensão da espacialidade do corpo próprio. Há, dentre os vários espaços corporais que envolvem cada um dos sujeitos, um espaço mundano que preenche suas lacunas e que está presente como um fundo comum. O espaço corporal e particular e o espaço total e generalizado não são dois opostos indissociáveis, nem mesmo entre eles há uma cisão. O que há é uma articulação; são eles o verso e o reverso dum fenômeno único.

Será possível, então, conceber a articulação entre essas duas espacialidades? Qual a relação que se estabelece entre espaço e percepção? O que significa falar de movimento no plano da existência? É necessário repensar então as noções de espaço e de movimento tomando-se o corpo não como o ponto material perfilado num horizonte de eixos e coordenadas (espacialidade de posição), mas como o polo de intenções que se comunicam ao espaço e dão valor aos seus elementos, desenhando um significado global sobre o mundo percebido (espacialidade de situação). Investigar o nexos entre essas duas dimensões espaciais e como elas fundamentam uma motricidade relacionada à temporalidade e ao devir é o objetivo central deste artigo.

Movimento abstrato e movimento concreto

Iniciemos nosso artigo pela análise da espacialidade interna do corpo. Numa primeira visada, tal espaço corporal se comporta de maneira completamente distinta do espaço externo: como no exemplo dado por Merleau-Ponty, caso seu braço estivesse descansando sobre a mesa, é impossível dizer que ele está ao lado do cinzeiro assim como este está ao lado do telefone (cf. Merleau-Ponty, 2006, 143). Tal relação lateral entre os objetos do meio externo, marcada por uma exterioridade pura, não se observa no corpo percipiente: nele, os órgãos e suas regiões não estão apenas desdobradas umas ao lado das outras, mas envolvidas mutuamente entre si (cf. Merleau-Ponty, 143). A função de cada órgão influi em seu vizinho, que, por sua vez, responde aos órgãos adjacentes engajando-se em suas operações, cada fenômeno local acarretando um efeito no todo.

O exemplo da aloquiritia é muito esclarecedor quanto a esse ponto: nela, os estímulos aplicados na mão esquerda são sentidos na direita, e vice-versa. Não se trata apenas duma percepção confusa ou do deslocamento dos pontos sensíveis duma mão para outra, como se os aparelhos sensoriais simplesmente fossem escamoteados: a rigor, a capacidade das mãos de perceberem o mundo exterior não se altera, bem como o seu poder de veicular intencionalidades. Em resumo, mesmo no portador de aloquiritia, as mãos continuam abertas à experiência.

Como pensar, então, essa organização sistemática das partes do corpo, sem recair no prejuízo do corpo como ente físico-químico e governado por leis mecânicas? Como refutar e descartar a hipótese do corpo como espacialidade que tão-somente agrupa e justapõe os vários órgãos e suas funções? A solução proposta pelo filósofo, embora provisória e ainda problemática, é pensar as funções corporais como uma organização esquemática, ou seja, uma ordem imposta a várias funções e elementos heterogêneos, direcionados, cada um em sua potência, para uma meta comum.

Tal é a ideia de *esquema corporal*, que o autor concebe como “um resumo de nossa experiência corporal capaz de oferecer um comentário e uma significação à interoceptividade e à propioceptividade do momento.” (Merleau-Ponty, 144). Através de tal esquema, torna-se possível conceber o entrelaçamento entre os dados dos sentidos e a síntese perceptiva. Ora, o problema da noção de esquema corporal é o fato de que ela transforma a espacialidade do corpo próprio num mapa de coordenadas, cada função sensorimotora transmutando-se em eixos e abscissas, sem desvendar o significado originário que a espacialidade possui. Veremos a seguir como o próprio autor questiona e rejeita a sua hipótese.

Onde estão exatamente as falhas da noção de esquema corporal? Segundo Merleau-Ponty, o esquema leva a erros pois

ele devia fornecer-me a mudança de posição das partes de meu corpo para cada movimento de uma delas, a posição de cada estímulo local no conjunto do corpo, [...] e enfim uma tradução perpétua, em linguagem visual, das impressões cinestésicas e articulares do momento. (MERLEAU-PONTY, 144).

A rigor, como resumo de todas as atividades corporais, o esquema corporal se comportaria como lei geral de suas funções, diretriz de seu sistema, como o conjunto de coordenadas pelas quais os órgãos desempenhariam sua função normal, reguladas pelo sentido da visão. Inspirando-se em tal paradigma, o entrelaçamento dos órgãos seria pensado como uma associação de ideias e imagens e a própria postura do sujeito perante o mundo se operaria como acumulação de experiências sensoriais e motoras, iniciando-se no ponto zero da infância e avançando para a idade adulta. O esquema entraria como a lei a qual as associações e os estímulos visuais seriam subsumidos.

Como explicar, adotando-se esse paradigma para o corpo esquemático, fenômenos anômalos como a aloquiria? Merleau-Ponty a retoma a essa altura do texto justamente para denunciar os deslizos e incongruências dessa faceta do esquema corporal: a aloquiria não encontraria justificção, pois a transferência dos pontos sensíveis duma mão para outra seria uma associação errada ou uma aplicação equivocada das coordenadas do esquema. Desta maneira, os sintomas da aloquiria comportariam lacunas à coesão do esquema corporal.

Totalidade regulada por uma significação imanente e na qual todos os seus componentes necessitam dum lugar e dum papel, Merleau-Ponty então transfere a noção de esquema corporal para a psicologia das *Gestalten*. A estrutura figura-fundo e ponto-horizonte, no que possui de ambiguidade, resolve em parte alguns problemas do esquema corporal montado a partir de associações. Dentro da Psicologia da Forma, “ele [o esquema corporal] não será mais o simples resultado das associações estabelecidas no decorrer da experiência, mas uma tomada de consciência global de minha postura no mundo intersensorial, uma ‘forma’, no sentido da *Gestaltpsychologie*.” (Merleau-Ponty, 145).

Assim, o problema do envolvimento mútuo e sistemático dos órgãos em suas intencionalidades se resolve pelo princípio ordenador de toda *Gestalt*: o todo é anterior às partes, as partes só encontram seu significado quando integradas ao todo, sua significação reside no interior da Forma. Mas por que Merleau-Ponty recorre a tal paradigma da psicologia, depois de ele ter sido exaustivamente discutido nas reflexões da *Estrutura do Comportamento*? O estilo do filósofo não nega seus cacoetes: trata-se de testar os conceitos filosóficos ao extremo, confrontá-los até que denunciem suas limitações.

Não podemos mais pensar a espacialidade corporal nem como decalque do conjunto de experiências sensíveis e nem como tomada de consciência de sua totalidade; as duas alternativas são polos excludentes, estabelecem um impasse indissolúvel, duas categorias absolutas aplicadas à experiência originária. É necessário, pois, descobrir o que é anterior, e portanto fundante, a essas duas categorias.

O corpo, e mesmo o esquema pelo qual é organizado, não existe como ente autóctone; a percepção é um ato que necessariamente exige um mundo que a reclame. Deste modo, o espaço corporal e suas funções entrelaçadas são direcionados às suas tarefas, às solicitações que a circunvizinhança implica. O problema de se pensar o esquema corporal nas bases analisadas pelo filósofo é exatamente ignorar o fato de que o corpo está permanentemente engajado no mundo percebido. Assim, a espacialidade do corpo próprio não pode ser concebida como uma *espacialidade de posição*, subordinada a um espaço absoluto, mas sim a uma *espacialidade de situação*, instância originária, que funda a sentido do espaço mesmo e institui suas configurações (cf. Merleau-Ponty, 146).

Assim, a noção de esquema corporal, parcial e errônea, foi utilizada com a intenção de desvelar, examinando-se as suas lacunas, a espacialidade corporal como situação, ou seja, o espaço pré-objetivo. É por se situar que o corpo funda a espacialidade objetiva, ou seja, o espaço compreendido como categoria, como condição de possibilidade da aparição dos objetos. Desde então, ao se falar de posicionamento, localização e relações espaciais, estar-se-á fazendo referência, mesmo que implícita e indireta, a esse espaço originário instalado pela corporeidade.

Entretanto, essa espacialidade pré-tética se põe em evidência somente quando o corpo desempenha uma ação, isto é, ela aparece com ênfase no instante em que o corpo mobiliza suas potências no mundo percebido. Quando se escoram as mãos sobre um móvel, diz-nos Merleau-Ponty, toda a intenção do corpo se concentra nelas, neste ponto de apoio, e, como escreve o autor, o resto do corpo vagueia atrás delas como uma “cauda de cometa”, ou seja, como um excesso que é relegado a segundo plano frente a uma tarefa mais imediata. Toda a ação se firma em um único órgão; podemos afirmar, grosso modo, que o corpo em sua totalidade está concentrado nas mãos. Outro é o caso da percepção dos variados órgãos; Merleau-Ponty escreve que, para localizar o cachimbo que ele aperta entre os dedos, não é preciso aplicar-lhe um sistema de coordenadas e eixos, relacionando-o com o ângulo do antebraço, do tronco e do chão. Pelo contrário, o espaço do corpo próprio abre um campo de presença no qual se pode sempre contar com todos os órgãos e regiões do corpo, em perene disponibilidade. Sua presença é irrefutável.

Esta é a originalidade da natureza motriz do corpo que é desvelada pela filosofia merleau-pontyana. Ela só existe enquanto resposta e ação sobre a circunvizinhança mundana; nela, os órgãos não se justapõem como

um conjunto de instrumentos e anexos inertes, eles estão sempre disponíveis, abertos aos fenômenos, contribuindo cada um com suas potências no desempenho duma certa ação. Pela espacialidade originária, conclui-se que o corpo fenomenal só existe enquanto “está polarizado por suas tarefas, enquanto *existe em direção* a elas, enquanto se encolhe sobre si para atingir sua meta, e o ‘esquema corporal’ é finalmente uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo.” (Merleau-Ponty, 146-147).

Assim sendo, a espacialidade é a presença mesma do corpo ao seu mundo, o horizonte virtual que abre o seu campo de ação. A motricidade, por sua vez, afastando-se do mecanicismo a ela legado pela biologia, pela fisiologia e pelas ciências que tratam o corpo como objeto físico-químico, é correlata dessa presença e dessa abertura ao mundo sensível; o corpo motriz não possui movimento em si, mas quando está polarizado pelas tarefas que o exterior lhe solicita, está engajado em seu meio sensível, profundamente entranhado e enraizado no seio do mundano. Deste modo, espacialidade e motricidade são modificações do ser no mundo do sujeito encarnado, ou duas faces do fenômeno de existir e de se situar num mundo posto pela percepção.

Assim, a relação entre o corpo próprio e os objetos exteriores constituirá o fundamento de todas as relações espaciais, condição de possibilidade para o surgimento do espaço objetivo, pois, como afirma o filósofo, “quando digo que um objeto está *sobre* uma mesa, sempre me situo em pensamento na mesa ou no objeto, e aplico a eles uma categoria que em princípio convém à relação entre meu corpo e objetos exteriores.” (Merleau-Ponty, 147). O corpo assume o status de condição *sine qua non* da existência do espaço, posto que se comporta como o eixo de suas coordenadas, referencial de todas as posições relativas, articulação entre seu sistema de pontos e dos horizontes nos quais eles se perfilam. Referindo-nos à problemática instaurada pela *Gestalttheorie*, ao tomar o espaço corporal e o espaço objetivo como as duas regiões que constituem uma Forma, pode-se afirmar que “o primeiro sendo o fundo sobre o qual pode destacar-se ou o vazio diante do qual o objeto pode *aparecer* como meta de nossa ação, é evidentemente na ação que a espacialidade do corpo próprio se realiza” (Merleau-Ponty, 149).

A motricidade é indissociável do espaço, pois ela nada mais é do que o seu desdobramento, a sua realização. É pelo movimento no espaço que o corpo veicula e efetiva suas intencionalidades; é no espaço que nelas é inoculado um sentido, é no movimento que enxergamos a gênese do significado. Assim sendo, Merleau-Ponty passa ao exame da motricidade, lançando mão novamente de seu método de contrapor a conduta dum doente frente à dum sujeito em condições normais de saúde, buscando nas ocorrências anômalas o significado do fenômeno estudado. No caso, o autor se debruça mais uma vez sobre o comportamento e os sintomas do soldado Schneider.

Para os médicos e psicólogos que estudam seu caso, devido ao ferimento de obus Schneider é portador duma espécie de “cegueira psíquica”. Ele não consegue efetuar movimentos abstratos, ou seja, movimentações sem objetivos ou metas definidos, como os atos de mover os membros e flexionar os dedos sob comando, salvo após uma série de movimentos preparatórios nos quais ele sacudia todo o corpo até mobilizar a região pretendida. Porém, ações habituais e necessárias à sua vida, como assoar o nariz e riscar um fósforo, são conseguidos sem grandes dificuldades; até mesmo o ofício de confeccionar carteiras, que é desempenhado cotidianamente pelo ex-combatente, não é afetado por tais dificuldades. Vemos que, embora Schneider apresente bloqueios para movimentos abstratos que envolvam até a localização de regiões corporais, como o nariz e a cabeça, a sua movimentação concreta, isto é, os seus gestos e seus atos frente à sua situação atual e efetiva, não é afetada.

Retornemos à questão da localização dos estímulos corporais. Schneider não consegue indicar uma parte de seu corpo nem com um dedo e muito menos com uma régua de madeira; todavia, se o deixarem pegar a região pretendida, ele consegue, a muito custo, localizá-la. Como essa distinção entre os atos de pegar e de mostrar é possível? Observa Merleau-Ponty que

No mesmo doente [Schneider] e também nos cerebelosos, constata-se uma dissociação entre o ato de mostrar e as reações de pegar ou de apreender: o mesmo paciente que é incapaz de mostrar com o dedo, sob comando, uma parte de seu corpo, leva vivamente a mão ao ponto onde um mosquito o pica. Há portanto um privilégio dos movimentos concretos e dos movimentos de apreensão do qual devemos procurar a razão. (MERLEAU-PONTY, 150).

Merleau-Ponty evidencia uma diferenciação entre o tato e a visão após a análise do comportamento de Schneider, que vivencia uma preponderância dos estímulos táteis. Como dar conta desse impasse entre duas dimensões sensíveis? Como explicar que a apreensão seja diferente do ato de mostrar? Ora, não percamos de vista que o ato de pegar, dependente do tato, é um movimento concreto, referente à situação atual que se apresenta ao doente.

A apreensão, ao contrário da visão e do ato de mirar, ligados ao movimento abstrato, é um ato que já começa antecipando seu fim (cf. Merleau-Ponty, 150), desenhando seus gestos com vistas à meta a ser alcançada, constituindo todos os seus movimentos parciais como preparação para o ato final de pegar. Trata-se, a rigor, dum tipo de movimentação que *aproxima* o paciente de sua meta, coloca-o em contato direto com ela, preparando-se em cada gesto parcial; ao contrário da visão, que é mais abstrata pelo fato de se fazer à distância, a partir dum ponto remoto, com o

sujeito *afastado* de seu objetivo. O paciente é incapaz desse tipo de movimentação abstrata pelo fato de que está encerrado em seu meio atual, aprisionado ao seu contexto, acorrentado ao habitual e ao que a atualidade lhe obriga a fazer; ele não consegue, pois, *ultrapassar* a sua inserção no presente contexto.

Por consequência,

o doente tem consciência do espaço corporal como local de sua ação habitual, mas não como ambiente objetivo, seu corpo está à sua disposição como meio de inserção em uma circunvizinhança familiar, mas não como meio de expressão de um pensamento espacial gratuito e livre. (MERLEAU-PONTY, 151).

Tal é a explicação para o fato de Schneider não encontrar dificuldades em manejar seus instrumentos de trabalho e também para a localização imediata do ponto de seu corpo que é ferroadado. No primeiro caso, como se trata dum trabalho repetitivo e costumeiro que já caiu no domínio do habitual, seu corpo prontamente se engaja na concretude de situação que o trabalho lhe exige; no segundo, há um estímulo pontual de dor e comichão, ao qual seu corpo é incapaz de ignorar.

O exemplo dos gestos militares é ainda mais assertivo. Observando-se as condutas do normal e do paciente, neste a imersão no contexto e nos movimentos que ele implica é integral, o doente coloca todo o seu corpo na praxe das gesticulações do ritual militar, é impossível para ele interromper seu gesticular, cada gesto é meticolosa e metodicamente executado. Embora o normal consiga executar os mesmos atos, ele ainda os pode interromper a qualquer momento, deformá-los à sua vontade e até mesmo executá-los sem que haja a necessidade dum cerimonial ou dum contexto que os exija. No normal, além dos movimentos concretos, há a possibilidade também do movimento abstrato. Colocando-se como o sujeito normal, conclui Merleau-Ponty que

por meio de meu corpo enquanto potência de um certo número de ações familiares, posso instalar-me em meu meio circundante enquanto conjunto de manipulanda, sem visar meu corpo nem meu meio circundante como objetos no sentido kantiano, quer dizer, como sistemas de qualidades ligadas por uma lei inteligível. (MERLEAU-PONTY, 152)

O doente, refém dos movimentos concretos, está rebaixado à condição passiva frente à experiência; já o normal, além de também ser paciente, não deixa de lado a sua função de agente, ele é também capaz de reagir e dar novo arranjo às tarefas que o polarizam.

Analisemos pormenorizadamente o fenômeno da picada. Schneider não conseguia dar razão do espaço de seu corpo, porém, ao sentir o ferrão

dum mosquito, ele leva rapidamente a mão ao ponto estimulado, sem precisar de movimentos preparatórios. Não se trata duma recaída no prejuízo mecanicista, no qual, pela sensibilidade tátil da área afetada, um mecanismo foi acionado; não se trata também, ao visar o ponto picado, “de situá-lo em relação a eixos de coordenadas no espaço objetivo” (Merleau-Ponty, 153). Se pensássemos tal ocorrência segundo paradigmas empiristas, tratar-se-ia duma reação esperada do braço do soldado, enquanto órgão formado por músculos, ossos e nervos dotados de capacidades sensoriais. O que há efetivamente é, diz o autor, a mão fenomenal a se lançar numa região dolorosa do corpo fenomenal (cf. Merleau-Ponty, 153). Observemos agora o fenômeno oposto, a sua capacidade de executar normalmente os gestos concretos de seu ofício artesanal. Trazendo para o lado do intelectualismo e da filosofia subjetivista, haveria nesse fato o ressurgimento de algumas representações em latência, que Schneider traria novamente à tona por um ato do intelecto; ora, no desempenho de seu ofício, não é uma vontade ou uma representação que suscitam a sua ação, mas antes “a bancada, a tesoura, os pedaços de couro apresentam-se ao sujeito como polos de ação, eles definem por seus valores combinados uma certa situação, e uma situação aberta, que exige um certo modo de resolução, um certo trabalho.” (Merleau-Ponty, 154), ou seja, é o contexto da própria experiência que convocou as suas potências motrizes.

Portanto, em Schneider os distúrbios devem ser localizados no corpo fenomenal e na sua maneira de se projetar à experiência do mundo, e não creditados à perda de certas qualidades sensoriais e motoras ou de determinadas representações. Os problemas do soldado ferido não são sintomas em “terceira pessoa”, ou seja, males que o afetariam em seu corpo e em seu espaço objetivos; o distúrbio está na ordem do fenomenal. Como comenta Moutinho sobre o presente caso,

O doente possui portanto uma deficiência que não concerne nem ao pensamento nem ao movimento como processo em terceira pessoa- e, por contraste, nos revela a potência motora, motricidade que nos fará lançar a atenção não mais para o passado (corpo habitual), mas para o futuro (o fim, por meio da intencionalidade). (MOUTINHO, 2006, 132).

A aparição em cena da temporalidade, pela referência ao passado entranhado no corpo habitual e em seus sedimentos, remete-nos ao fato de que há uma *ausência* ou uma falta que causa os sintomas de Schneider, como se uma dimensão existencial lhe tivesse sido subtraída. Ele está preso ao atual, condenado a se curvar passivamente perante o seu mundo; assim, quando faz seus movimentos preparatórios a fim de encontrar uma parte do corpo ou quando, pelo tato, ele reconstitui a forma completa dum objeto o qual não consegue traçar abstratamente com a visão, ele intenta “fazer de seu corpo um objeto de percepção atual; interrogado sobre a forma de um

objeto em contato com seu corpo, ele próprio procura traçá-la seguindo o contorno do objeto.” (Merleau-Ponty, 156).

Em contrapartida, o que podemos concluir na movimentação do normal, que consegue executar os movimentos abstratos tanto quanto os concretos? O que a observação da normalidade pode nos esclarecer em contraponto à patologia? O sujeito normal não necessita dos movimentos preparatórios elaborados pelo doente, pois nele “cada estimulação corporal desperta [...] um tipo de ‘movimento virtual’; a parte interrogada do corpo sai do anonimato, anuncia-se por uma tensão particular e como uma certa potência de ação no quadro do dispositivo anatômico.” (Merleau-Ponty, 157). O normal é capaz tanto dos movimentos concretos quanto dos abstratos porque seu corpo não apenas se comunica com o atual e o real, condicionado pelas suas tarefas; ele pode se mover espontaneamente e sem a exigência duma meta, interrogando também o irreal, o possível, o ausente, o virtual e o imaginário.

Enxergamos isso com mais clareza, quando, no exemplo dado por Merleau-Ponty, deparamo-nos com um colega e lhe dirigimos um aceno ou um cumprimento para chamar sua atenção. O normal tanto pode executar seu gesto quando, de fato, seu conhecido está presente numa situação efetiva, quanto pode flexionar o braço e estender a mão a seu bel-prazer, como se “brincasse” com seu corpo a acenar para um amigo ausente e/ou imaginário. Se falássemos de Schneider ou dum doente similar, como o cerebeloso, o gesticular só seria possível se eles realmente se deparassem com o colega numa rua e estivessem distantes dele; sozinhos, para eles seria impossível conceber e executar tal ato. Logo, “no sujeito normal, o corpo não é mobilizável apenas pelas situações reais que o atraem a si, ele pode desviar-se do mundo.” (Merleau-Ponty, 157). O movimento abstrato permite, então, que o sujeito se situe numa dimensão fictícia; tal é o motivo, retomando-se o exemplo do gestual militar, de que o normal se irrealiza no papel de soldado ao executar um gesto de respeito, tal como um ator a se colocar num personagem.

Vai daí a necessidade, nos cerebelosos e em Schneider, dos movimentos preparatórios; o ato de sacudir e estremecer seria uma operação na qual os membros e órgãos que não são atualmente reclamados pelo mundo externo saíam de seu anonimato e se animariam com tal movimentação. No normal, seu corpo não necessita de solicitações atuais para se animar; ele está sempre pronto a se anunciar, a abandonar seu estado de anonimato, a mobilizar as suas potências sensoriais e motoras mesmo que elas não sejam prontamente requisitadas. O mesmo se pode dizer da dificuldade que o doente tem para sentir os contornos dum objeto: ele precisa tateá-lo e correr com os dedos pelo seu formato, a fim de determinar as suas formas por dedução, ao contrário do normal, cuja experiência motora de tal objeto, sedimentada no histórico de sua sensibilidade e nos seus hábitos, é retomada por uma abstração de seu contorno.

Assim sendo, a diferença decisiva entre o doente e o normal se dá na capacidade que este tem de se engajar em projetos; em outras palavras, ele consegue partir de seu atual e se projetar para além de seus limites, dirigindo-se ao horizonte do possível, ao virtual, fazendo um uso diferenciado dos arranjos do mundo e de seu corpo. Exatamente o contrário do doente, que nada faz além de se resignar ao mundo acabado e estável de sua atualidade. Concluimos então que “o normal *conta com* o possível, que assim adquire, sem abandonar seu lugar de possível, um tipo de atualidade; no doente, ao contrário, o campo do atual limita-se àquilo que é encontrado em um contato efetivo, ou ligado a esses dados por uma dedução explícita.” (Merleau-Ponty, 157-158). Descobrimos aqui a distinção que há entre movimento concreto e movimento abstrato: o primeiro se configura como resposta e engajamento na situação atual, o outro é a expressão dum projeto. O movimento abstrato se alimenta tanto do sedimentado no corpo habitual quanto dos sentidos de sua atualidade, e são esses elementos que lhe fornecem o ímpeto para se lançar no seu horizonte de objetivos realizáveis. Assim, a doença de Schneider pode ser apontada como a perda da capacidade de abstração em sua motricidade, encerrando-o definitivamente no atual.

Porém, todo movimento do corpo é um ato de se mover no espaço, ou seja, sobre e no mundo. A potência motriz é sempre encarnação duma intencionalidade, todo movimento encerra em si uma intenção, tornando absurdo falar dum “movimento em-si e para-si”. Todo movimento, diz-nos Merleau-Ponty, necessita de um *fundo*, ou seja de um sentido imanente ao seu desenrolar. Fazendo referência à Psicologia da Forma, a figura, para ser reconhecida como tal e em sua estrutura, implica na existência dum horizonte na qual ela pode se perfilar. É esse fundo que possibilita a comunicação intrínseca entre as duas camadas existenciais no normal, comportando-se como o terceiro termo, uma vez que abstração e concretude não podem ser pensadas como duas substâncias separadas. Porém, a diferença das duas é antes de nível do que de essência: no movimento concreto, o fundo é o mundo dado tão-somente, enquanto que no abstrato tal fundo é um mundo construído (cf. Merleau-Ponty, 159). Poderíamos afirmar, grosso modo, que as duas dimensões se interpenetram e se retroalimentam. Mas quais as consequências de se postular esta imbricação? No que o movimento concreto contribui para a sua contraparte, e quais os efeitos que o movimento abstrato causa em sua outra face?

Nas palavras de Merleau-Ponty:

O movimento abstrato cava, no interior do mundo pleno no qual se desenrolava o movimento concreto, uma zona de reflexão e de subjetividade, ele sobrepõe ao espaço físico um espaço virtual ou humano. [...] o primeiro [o movimento concreto] ocorre no ser ou no atual, o segundo [o movimento abstrato] no possível ou no não-ser; o primeiro adere a um

fundo dado, o segundo desdobra ele mesmo seu fundo.
(MERLEAU-PONTY, 160)

O sujeito da percepção tanto está engajado em suas tarefas atuais quanto, simultaneamente, está polarizado por intenções que as ultrapassam; no que tange à temporalidade, ele está intrinsecamente ligado ao presente e também projetado ao porvir. O hábito retoma seu passado, ao passo que a abstração lhe permite construir um mundo humano a partir do mundo percebido, ou seja, antecipar o devir que é ainda virtual em sua presente situação. Entre essas duas dobras do tempo, há o laço da atual que as une e lhes confere um significado. No centro desse laço, participando dessa temporalidade, está o corpo fenomenal, pivô da existência, eixo de sua experiência mundana.

Intencionalidade e mundo: a instituição do arco intencional

Nessa dialética estabelecida entre o hábito e a atualidade, a motricidade concreta e a abstrata, vimos que o corpo fenomenal assume um papel crucial: embora ambíguo, é por trazer em si essa abertura originária que ele opera a síntese entre essas dimensões temporais, recolhidas num único movimento existencial. É isso o que lhe confere a sua atualidade, que funda o tempo presente, no qual passado e futuro buscam seus fundamentos e significados. É isso o que nos permite falar do corpo como *em situação*.

Isto posto, é óbvio que os sintomas de Schneider advêm dos estilhaços de obus alojados em seu cérebro; assim como, no caso dos cerebelosos, a deficiência motriz é causada pela sua doença. Logo, não se trata dum distúrbio do entendimento, dum vontade engendrada pela razão para se abster dos movimentos abstratos em detrimento dos concretos, dum recalque ou trauma no sentido psicanalítico. O paciente não escolhe ou decide se aprisionar à situação efetiva; se a sua capacidade de decisão é afetada por um sintoma corporal, é sinal de que o entrelaçamento entre o corpo e a consciência se confirma. Porém, o ex-soldado não sofre apenas de distúrbios motores e de cognição: além de se confundir com os atos de pegar e de mostrar, Schneider apresenta distúrbios afetivos concernentes à sua relação com os outros, ao estabelecimento de amizades, à iniciativa sexual, à capacidade de ter e de expressar sentimentos e de utilizar a linguagem de maneira espontânea. A rigor, em Schneider, nos cerebelosos e nos pacientes de cegueira psíquica há uma simplificação do movimento existencial, caracterizado por uma limitação ou uma ausência, isto é, uma experiência do mundo que se dá de maneira incompleta e fragmentada.

Como poderemos pensar essa incompletude da experiência sem, no entanto, recair no prejuízo do corpo *partes extra partes*? Ou, em contrapartida, sem deslocar a questão para a psicologia subjetivista? Se a experiência de Schneider é afetada por inteiro, não podemos mais afirmar

que seus sintomas são causados por uma lesão em determinada região encefálica. Reformulemos a pergunta: o que falta no doente que está presente no sujeito em condições normais? O que é escamoteado à sua experiência?

Regressemos à análise dos sintomas de Schneider e dos outros pacientes apontados por Merleau-Ponty. Vemos inicialmente a ausência da dimensão existencial do corpo abstrato, explicitada na sua incapacidade de desempenhar movimentos dirigidos a horizontes virtuais e/ou distantes de seus órgãos motores. Nos doentes, há apenas a capacidade de executar movimentos habituais ou há muito sedimentados pelo costume, e ainda os movimentos reclamados pela sua situação atual, conforme se observa em Schneider, que, a despeito de não conseguir flexionar os membros sob comando e sem uma meta definida, desempenha sem titubeios o seu trabalho artesanal, manejando os materiais e ferramentas com os quais está acostumado, dum modo quase automático.

Porém, se se tratasse de representar, teatralmente, os gestos e a mímica de seu ofício, ele não conseguiria colocar o corpo a seu favor e precisaria recorrer à série de movimentos preparatórios. Em sua experiência truncada, no que podemos também falar dos cerebelosos e dos pacientes de cegueira psíquica, o distúrbio motor não é estritamente um sintoma que lhes afetaria o corpo e, por meio dele, num sistema de correspondência, o seu juízo e o seu pensamento; o que lhes falta e que o normal pode usufruir é duma faculdade de projeção e de polarização de suas tarefas perante o mundo. Constata Merleau-Ponty que “os distúrbios motores dos cerebelosos e os da cegueira psíquica só podem ser coordenados se se define o fundo do movimento e a visão, não por um estoque de qualidades sensíveis, mas por uma certa maneira de ordenar ou de estruturar a circunvizinhança” (Merleau-Ponty, 164). É a abertura ao mundo percebido que no doente é prejudicada; tal é o significado de seus sintomas.

Vai daí a necessidade dos movimentos preparatórios para a indicação de certas regiões do corpo. Como sua experiência mundana está fragmentada, restrita a certas regiões de seu ser no mundo, para a indicação de partes de seu corpo que não são pontualmente excitadas, como no caso da picadura dum mosquito, é preciso colocar todo o braço e até mesmo a pele em movimento pois o movente, entre seu ponto de partida e seu alvo, “é desarranjado pelo próprio movimento e precisa ser reconstruído após cada fase do movimento” (Merleau-Ponty, 166).

Assim, quando inutilmente tenta desempenhar um movimento abstrato, Schneider falha porque estes movimentos se dão duma maneira fragmentada, em etapas estanques, sem que haja um sentido a atravessá-los e a lhes conferir uma intenção. Encadeando a esse argumento o sintoma da dissociação entre o ato de pegar e o de apontar (o experimento com a régua de madeira), Merleau-Ponty aventa a hipótese de que os distúrbios práticos de Schneider se ligam à falta do campo visual em sua experiência (cf.

Merleau-Ponty, 166). Mas será que podemos acatar essa tese, conferindo essa pretensa proeminência à visão, correndo o risco de mais uma vez resvalar em um prejuízo do pensamento?

De fato, a visão compete essencialmente à movimentação abstrata, pois é pelo ato de ver um objeto distante que o sujeito em condições normais se projeta num horizonte virtual e coordena seus movimentos em direção a uma meta afastada no espaço. Apesar de contar plenamente com a função do tato, que é a única presente nos doentes, o normal ainda conta com a capacidade de indicar e apontar à distância, sem a necessidade de apreender. Mesmo com os olhos fechados, como vimos anteriormente, o normal consegue executar movimentos abstratos; até mesmo um cego (cf. Merleau-Ponty, 166) sem os sintomas dos cerebelosos e de Schneider consegue fazer os mesmos movimentos. Não nos esqueçamos que, em se tratando do soldado, os ferimentos de guerra não lhe tolheram a visão, ou seja, Schneider não perdeu as faculdades da visão, embora elas convivam com seus distúrbios motores. Como, então, Merleau-Ponty quer levantar a hipótese de que é seu campo visual que lhe foi negado?

Observemos outro experimento descrito pelo fenomenólogo, que permite aprofundar a problemática da visão. Um paciente com os mesmos sintomas de Schneider e provido de visão consegue bater à porta se ela está diante de si e ao alcance de seus punhos; todavia, ele não consegue reproduzir o gesto de golpear a tábua se a porta foi ocultada ou se não está ao seu alcance. Distante do paciente, ele não consegue efetuar o gesto “mesmo se está com os olhos abertos e fixados na porta” (Merleau-Ponty, 167). O paciente ainda consegue enxergar, seus olhos permanecem sensíveis aos estímulos visuais, porém seu campo motor é limitado ao tátil. Não há exatamente uma perda da visão, mas sim um empobrecimento de suas capacidades motoras.

Como caracterizar, portanto, esse empobrecimento do ato de ver e essa limitação ao tato que os sintomas do paciente nos desvelam? Como explicar tal fenômeno no âmbito de seu mundo e no campo motor nele incrustado? Pela confrontação de tais problemas, conclui Merleau-Ponty que

Visivelmente, para que um objeto possa desencadear um movimento, é preciso que ele esteja compreendido no campo motor do doente, e o distúrbio consiste em um estreitamento do campo motor, doravante limitado aos objetos efetivamente tangíveis, excluindo este horizonte do tocar possível que no normal os circunda. (MERLEAU-PONTY, 167)

Este estreitamento do qual fala Merleau-Ponty é o que limita o doente à sua situação concreta e atual, acessível mais facilmente pelo tato; é por isso que, embora Schneider seja incapaz de movimentos abstratos, ele ainda consiga desempenhar suas tarefas habituais. Esse campo prático contraído é o que opera a cisão entre os movimentos abstrato e concreto e

que aprisiona o doente na atualidade; é o que permite também, grosso modo, explicar a dissociação entre o ato de ver e o ato de pegar.

Entretanto, podemos ainda falar duma dissociação, correndo o risco de associar a visão à consciência interna e o tato ao corpo externo *partes extra partes*? Há ainda o risco de retornar ao impasse entre exterior e interior? Não percamos de vista que a visão e o tato, longe de se reduzirem ao desdobramento de objetos externos para uma consciência e ao acionamento de gatilhos corporais pontualmente localizados, operam, antes dessa classificação, uma espécie de *acesso ao mundo*, pois, antes de se cristalizarem numa operação intelectual ou numa função orgânica, eles permitem nossa abertura à existência pela via da percepção. Como assinala Renaud Barbaras:

Com efeito, longe de que possa ser descrita como possessão da coisa mesma por um sujeito ubíquo, a visão, tanto quanto o tato, pertence a uma carne e é por consequência ela mesma visível; ela está inscrita no mundo que ela mesma faz aparecer, tanto que ela nele se encontra separada pela espessura de sua própria carne e que o visível ele mesmo recolhe então numa profundidade sem medida. (BARBARAS, 2009, 226)²

Como sentidos, visão e tato não captam e formatam somente dados desenhados para eles; ambos os sentidos se abrem ao mesmo mundo, articulam-se numa experiência única, o que nos permite constatar uma continuidade entre os dois. Trata-se dessa continuidade que está ausente em Schneider e nos outros pacientes.

Trasladando-nos à experiência do normal, a descoberta mesma dessa imbricação entre o tátil e o visual faz cair por terra a dissociação com a qual se vinha tentando clarificar os fenômenos sensoriais e a patologia de Schneider. Nesse ponto Merleau-Ponty está plenamente de acordo com Kurt Goldstein, compartilhando das conclusões do médico sobre o comportamento de seus pacientes: é impossível o estudo do tátil ou do visual puro no normal, pois não se tratam de duas dimensões justapostas da experiência e que, por isso, poderiam separadas; ao contrário é na patologia e apenas nela que se pode observar tal divisão e na qual pode existir, plenamente, um tátil puro e um visual ausente (cf. Merleau-Ponty, 169). A visão age qualitativamente na experiência tátil dum indivíduo saudável, ampliando-a com suas contribuições, mas não no sentido duma dimensão agindo sobre a outra ou lhe conferindo um adendo a mais; essa continuidade ocorre porque o corpo do normal como um todo está se projetando ao seu mundo, ou seja, ele desfruta plenamente de sua experiência.

O que a análise dos casos clínicos de Goldstein descritos por Merleau-Ponty clarifica em nossa discussão? Quais as consequências

² Tradução nossa.

filosóficas que poderíamos derivar de seus resultados? O comportamento anômalo de Schneider permite descobrir que

a doença, desorganizando a função visual, não evidenciou a pura essência do tátil, que ela modificou a experiência inteira do sujeito ou, se se prefere, que não há no sujeito normal uma experiência tátil e uma experiência visual, mas uma experiência integral em que é impossível dosar as diferentes contribuições sensoriais. (MERLEAU-PONTY, 169)

Será distendendo os “fios intencionais”, ou seja, apontando o afrouxamento das intencionalidades no comportamento do doente, que Merleau-Ponty resolverá os impasses sem recair num pensamento fundamentado na dualidade consciência-corpo. Deste modo, o movimento abstrato e o movimento concreto só estarão de fato distintos no indivíduo doente; tal separação é visível somente no comportamento patológico³. Examinemos agora a outra vertente dos distúrbios da experiência do doente, ou seja, os males acarretados pelas deficiências do intelecto. Retomando algumas peculiaridades comportamentais do ex-soldado, encontramos distúrbios não apenas na parte motora, mas um empobrecimento das capacidades intelectuais. Vejamos quais as observações do filósofo quanto aos problemas cognitivos apresentados por Schneider.

A primeira deficiência intelectual digna de nota é a incapacidade de compreensão de algumas metáforas simples que, na maioria das ocasiões, constituem-se de figuras de linguagem e expressões coloquiais típicas, em muito já sedimentadas no uso corrente da linguagem: para o ex-combatente, as figuras do “pé da cadeira” ou da “cabeça de um prego” são incompreensíveis, mesmo que ele conheça os dois objetos isoladamente; a associação significativa é que permanece impossível. Do mesmo modo, analogias simples como “a pelagem é para o gato aquilo que a plumagem é para o pássaro” e também “a luz é para a lâmpada aqui que o calor é para o aquecedor” são sentenças cifradas para o intelecto do paciente, que nelas enxerga apenas a junção de algumas palavras que, tomadas em si, não possuem quaisquer afinidades de sentido (cf. Merleau-Ponty, 179). O que se vê é uma falha no entendimento de Schneider concernente à sua capacidade de efetuar sínteses com os dados captados pelos sentidos.

Porém, poderíamos tão facilmente (e, até, de certa maneira apressada) constatar que o doente teve furtadas as categorias de seu intelecto e que nele é isso o que mais propriamente chamaríamos de “falta”? A questão extrapola os limites da reflexão categorial, pois o que de fato está ausente são as *relações* entre os fragmentos estanques que lhe chegam de

³ Como se lê: “A distinção entre o movimento abstrato e o movimento concreto não se confunde portanto com a distinção entre o corpo e a consciência, ela não pertence à mesma dimensão reflexiva, ela só tem lugar na dimensão do comportamento.” (MERLEAU-PONTY, 175)

seu mundo percebido; ou, para falar no jargão fenomenológico, desapareceram as intencionalidades. O corpo de Schneider está como que desprovido de seus fios intencionais e meramente reduzido à vestimenta da mente, embora tal invólucro possa mais facilmente ser comparado a uma armadura, que aprisiona e sufoca o intelecto, causando-lhe toda sorte de efeitos. Portanto, qual é realmente o distúrbio que afeta o soldado ferido? Responde-nos o filósofo: “em Schneider, o que compromete o pensamento não é o fato de que ele seja incapaz de perceber os dados concretos como exemplares de um *eidós* único ou de subsumi-los a uma categoria, é ao contrário o fato de que ele só pode ligá-los por uma subsunção explícita.” (Merleau-Ponty, 1979). De novo o problema do corpo atual: Schneider está acorrentado ao presente e ao efetivo, por isso ele consegue facilmente executar suas tarefas normais, especialmente quando tem as ferramentas à mão, e apenas o ofício que lhe é conhecido e repetitivo.

Se ainda pudermos falar numa falha em Schneider, é da intencionalidade projetada ao virtual e ao ausente. E o que isso diferencia do sujeito normal em suas relações com o espaço? Ora, o normal não descarta a sua presença na situação concreta; ele também se engaja em seu mundo, mergulha em suas tarefas, solicita-o e por ele é solicitado; porém, ao se defrontar com uma das tarefas de sua experiência, o sujeito normal traz consigo todo um acúmulo de experiências familiares e análogas, um sedimento que é trazido à tona a todo instante. Junto com a retomada de seu passado, ele também consegue romper as barreiras da sua situação concreta, seja buscando um arranjo diferenciado de sua experiência, seja aprimorando-se por um outro uso das capacidades motoras de seu corpo, seja modificando radicalmente os conteúdos sedimentados que lhe vêm.

O normal conta com uma plasticidade que, a rigor, é o cerne da deficiência de Schneider. Pois, na experiência plena de contato com o mundo

Ora ela se enfraquece, como na fadiga, e então meu “mundo” de pensamentos se empobrece e até mesmo se reduz a uma ou duas ideias obsedantes; ora, ao contrário, dedico-me a todos os meus pensamentos, e cada frase que dizem diante de mim faz então germinar questões, ideias, reagrupa e reorganiza o panorama mental e se apresenta com uma fisionomia precisa. (MERLEAU-PONTY, 1979)

Portanto, a principal deficiência de Schneider é justamente a incapacidade de concretizar a síntese entre a sensibilidade e a significação, partindo em duas uma única dimensão de existência. Seu problema, antes de ser motor ou intelectual, é existencial.

Em sua percepção, os dados do mundo nunca se comunicam, limitando-se a repousar num isolamento substancial, como se as características e faces de cada objeto ou as variadas perspectivas nas quais

uma situação pode ser vislumbrada se isolassem por completo, cada um afirmando um modo único de existir que nada teria de semelhante com os outros, arruinando qualquer intencionalidade que os pudesse atravessar. É por isso que, ao descrever uma caneta-tinteiro, que lhe é apresentada dum ângulo no qual o prendedor do verso está invisível, Schneider percorra-a num reconhecimento fragmentado, enumerando cada característica parcial (cf. Merleau-Ponty, 183-184) como um núcleo de significado apartado dos demais. Diz o paciente: isso brilha, isso é um instrumento, isso tem reflexo, isso pode ser um vidro colorido, isso se usa para anotar algo, isso deve ser um lápis ou um porta-caneta, lançando o significado-objeto no reino das indeterminações perpetuamente abertas.

Não há um fio de intencionalidade a percorrer cada região percebida da caneta-tinteiro, ou, em se falando como a filosofia criticista, não há categoria a se subsumir tal mosaico de dados sensoriais. Lembremo-nos também da maneira como Schneider ouve uma história: a narrativa para ele é um conglomerado de episódios isolados, sem um significado que os interligue, sem uma “trama” na qual cada capítulo seria o seu desenrolar gradual, assim como para ele as características da caneta não se reuniam e se comunicavam na caneta total.

Ao contrário, “no normal, o objeto é ‘falante’ e significativo, o arranjo das cores imediatamente ‘quer dizer’ algo, enquanto no doente a significação precisa ser trazida de outro lugar por um verdadeiro ato de interpretação.” (Merleau-Ponty, 184). É isso que permite ao normal endereçar uma intenção ao mundo que o envolve e no qual ele se movimenta, projetar-se no horizonte do possível e do potencial, deixar-se invadir pela situação e, assumindo-a e retomando o repertório de experiência passadas, modificá-la e se deixar modificar por ela. O sujeito saudável não vivencia em sua existência os pares antagônicos representados por hábito e atualidade, corpo e consciência, experiência e subjetividade, sentido e significado, passado e porvir, interior e exterior, movimento abstrato e movimento concreto, pois as regiões de sua experiência vivem uma imbricação contínua, uma união intrínseca fundada num nexo de temporalidade, cada parte sendo atravessada pela outra num fluxo infundável.

Já ao doente o que falta é justamente esse arranjo total da experiência, que é encarada como um ajuntamento de fatos fortuitos e de estados transitórios da mente, separados entre si como compartimentos estanques e como peças sem encaixe. Schneider não entende nunca o sentido total duma narração, ele reclama por pontos de inflexão no qual os episódios são resumidos e a trama é novamente explicada, o mesmo se dando com as operações matemáticas: quando lhe pedem que efetue o produto de $5+4-4$ (Merleau-Ponty, 187), Schneider calcula a expressão numérica como duas operações independentes entre si, sem observar a estrutura do problema, embora ele conheça a série dos números de cor e seja

capaz de trabalhar com as quatro operações básicas da matemática. Ou seja, ele consegue raciocinar o número como ente autóctone, sem, no entanto, abstrair as suas relações apontadas pela função algébrica.

Refaçamos então a pergunta que nos guiou durante essas reflexões, invertendo, contudo, a sua ordem: o que o sujeito normal possui que faz com que sua experiência tenha uma coesão que falta na experiência do doente? Há, no embate da consciência com o mundo exterior, a instituição dum nexos primordial entre o sujeito corpóreo e o mundo percebido, que possibilita a tensão entre as várias dimensões de sua experiência; responde-nos Merleau-Ponty que

a vida da consciência- vida cognoscente, vida do desejo ou vida perceptiva- é sustentada por um ‘arco intencional’ que projeta em torno de nós nosso passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação física, nossa situação ideológica, nossa situação moral, ou antes que faz com que estejamos situados sob todos esses aspectos. É este arco intencional que faz a unidade entre os sentidos, a unidade entre os sentidos e a inteligência, a unidade entre a sensibilidade e a motricidade. (MERLEAU-PONTY, 190)

É ao conceito de arco intencional, como sistema de tensões entre os feixes de intencionalidades reclamados pela experiência, ideia problemática e um tanto quanto controversa nos escritos merleau-pontyanos, que a análise existencial da motricidade do corpo próprio nos arrasta, à guisa mais de consequência do que de conclusão. É este arco que se distende na experiência de Schneider e dos demais pacientes, diminuindo a coesão entre os setores de sua experiência. A rigor, o arco intencional não nos fornece a chave da experiência perceptiva, mas antes nos dá a medida primeira para toda análise que quiser se debruçar sobre as questões que concernem ao ser no mundo.

Considerações finais

Ao quê exatamente a análise da espacialidade e da motricidade do corpo próprio nos conduz e qual o seu peso perante a problemática que vínhamos desenvolvendo até então? Ora, o surgimento dum arco intencional a articular os vários setores da experiência lança luz sobre um corolário fundamental: a ideia do corpo fenomenal como veículo da existência conduz a uma revisão do conceito de espaço. A rigor, para um corpo dotado de tal estatuto filosófico precisamos dum renovado conceito de espaço, capaz de atender à demanda deste sujeito corpóreo sem as lacunas do espaço *partes extra partes*. É todo o panorama da existência que experimenta uma mudança radical após a crítica aos prejuízos clássicos.

É no espaço, portanto, que o ser no mundo corporal viverá a experiência de se comprimir entre o passado sedimentado e o futuro como

horizonte virtual a se fazer; mais ainda, é o espaço o solo privilegiado que permite o fluir duma camada de experiência a outra, articulando as suas variadas regiões. Porém, a espacialidade não é experimentada apenas a partir de fora; o que dizer então do desdobramento dos sentidos, que faz com que os dados táteis ganhem um sentido visual dentro do amplo campo da sensibilidade, e vice-versa? O que faz emergir tal campo? Eis aí a espacialidade fenomênica a acolher a filigrana de significados comunicados pela sensibilidade.

Mais do que isso, reportado à síntese sensório-motora do corpo, o espaço fenomênico não apenas oferece a chave das coordenadas de cada órgão sensorial e a sua posição funcional perante o todo:

O que reúne as ‘sensações táteis’ de minha mão e as liga às percepções visuais da mesma mão, assim como às percepções dos outros segmentos do corpo, é um certo estilo dos gestos de minha mão, que implica um certo estilo dos movimentos de meus dedos e contribui, por outro lado, para uma certa configuração de meu corpo (MERLEAU-PONTY, 208)

O espaço é exatamente o local desse ‘estilo’ mencionado por Merleau-Ponty, é nele que as modulações do corpo em seu embate com o mundo são revestidas de intenção⁴. Ou seja: é na motricidade e pelo seu desdobramento espaço-temporal que se verifica o fenômeno da expressão. Como não é um objeto físico à mercê das leis mecânicas, a faculdade motriz do corpo é sempre uma expressão, uma comunicação e uma construção de significado, até mesmo nos seus movimentos mais sutis e involuntários. O mesmo podemos concluir do mundo que o envolve; ao invés dum somatório de eventos físicos, o que vemos é a produção constante dum sentido imanente, que se desdobra aos poucos, num trabalho nunca terminado e sempre a se desempenhar. Toda motricidade é expressão, isto é, abertura e ocultamento de significados, enigma a ser decifrado, mistério que reclama o próprio desvelar.

⁴ Aqui aparece pela primeira vez uma das principais fórmulas do pensamento merleau-pontyano, que se refletirá em suas obras tardias: a comparação do corpo próprio a uma obra de arte, seja ela uma figura, um poema ou mesmo uma música. Diz-nos o autor que “um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial.” (MERLEAU-PONTY, 209-210). Tal analogia pode ser mais facilmente entendida pelo fato de que a obra de arte traz um sentido imanente a si, que nunca se esgota em suas várias aparições e que sempre traz algo de novo para quem a contempla de outras perspectivas. Tanto o corpo quanto a expressão artística se caracterizam não por carregar um sentido pronto e definitivo, mas sempre um sentido *se fazendo*.

Referências bibliográficas

- BARBARAS, Renaud. *Le tournant de l'expérience: recherches sur la philosophie de Merleau-Ponty*. Paris: Vrin, 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e Experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*. São Paulo: UNESP, 2006.